

MAMB Não é Museu: é Escola e "Movimento" Por Uma Arte Que Não Seja Desligada do Homem

Reportagem de Glauber ROCHA

ESTE nosso não é um Museu, o termo é impróprio: o Museu conserva, e nossa pinacoteca ainda não existe. Este nosso deveria chamar-se Centro, Movimento, Escola — com estas palavras a arquiteta Lina Bardi iniciou o trabalho do Museu de Arte Moderna da Bahia, uma fonte permanente de polémica provinciana. Hoje a Bahia popular, política e intelectual se encontra dividida entre aqueles que apoiam e aqueles que criticam o MAMB. Sobre todas as coisas, porém, vejam as figuras da sra. Lavinia Magalhães e do próprio Governador que, abrindo uma nova visão cultural, apoiam absolutamente as idéias revolucionárias desta senhora que veio da Itália como portadora da arte moderna para o Brasil.

Porque antes de vir para a Bahia, o sra. Lina Bardi já havia movimentado, com seu marido, o crítico e historiador de Arte Pietro Bardi, todo o ambiente artístico do

Brasil. Em São Paulo fundaram e impulsionaram o Museu de Arte, realizaram exposições, conferências, escolas de teatro, música, dança e cinema, convidando inclusive Alberto Cavalcanti para vir ao Brasil. Foi desta visita de Cavalcanti que nasceu a "Vera-Cruz" e foi da "Vera-Cruz" que tivemos filmes de classe internacional, como "Cangaço" e "Sinhá Moça". A arquiteta Lina Bardi convence pelo trabalho. Apesar de todas as críticas que encontrou pela frente, e da quase total ausência de material humano que prestasse a sua colaboração realizou em menos de um ano exposições que deslumbraram o Brasil e que trouxeram a Bahia momentos fundamentais da arte antiga e moderna. Em menos de um ano o MAMB introduziu uma nova atmosfera na Bahia. Sem dúvida, aqueles que ainda não acreditam no MAMB estão cada vez mais perdidos. A evidência dos fatos consagra a capacidade de sua diretora.

Roteiro (Íntimo) do MAMB

Vamos esclarecer o MAMB. Inicialmente, a sra. Lina Bardi detesta a sigla e usa sempre "Museu de Arte Moderna". Este MAMB, porém, funciona no esqueleto do incendiado Teatro Castro Alves e vivo intensamente. Poucas pessoas trabalham lá. Há o jovem Mario Sobral e a Secretária, D. Carmem, que assistem o diretor durante o dia, e também às noites, quando necessário. Renato faz a administração geral. Vivaldo Costa Lima presta uma ajuda extra-oficial. Fora disto, ninguém mais ajuda o MAMB. Todavia, o trabalho da sra. Lina Bardi vale mais que o produto de uma equipe masculina. As exposições são contínuas. E cada uma traz algo de novo para a Bahia. O sentido poético, anti-provinciano e anti-acadêmico e tenaz e alguns choques foram dados à Bahia quando, por exemplo, o seki-ga, "prática japonesa, foi levada publicamente pelos pintores Manabu Mabe e Tsutaka. A sra. Bardi (D. Lina entre

nós todos) executa tudo com o maior rigor e critério. Vivaldo traduz trechos, reescreve outros textos (D. Lina escreve em semi-italiano — português e seu estilo é de uma incisão fantástica). Sobral monta os "stands". Esta é a vida íntima do Museu de Arte Moderna. D. Lina não gasta rios de dinheiro, como muita gente pensa. O MAMB foi instalado no Teatro Castro Alves com o máximo de imaginação. Cortinas de pano grosso e barato. Mesas e cadeiras resolvidas com a maior simplicidade e bom gosto. O auditorio com cadeiras de couro crú e é forrado de esteiras. A arquitetura e a decoração da sra. Bardi buscaram em elementos de nossa cultura popular os fundamentos de sua sede. Por certo foi esta simplicidade e esta coragem em despir a arte de um sentido "snob" e fechado em torres de marfim que feriu a sensibilidade de certos intelectuais provincianos e assustou por uma arte individual e particular. Mas, além das exposições, o MAMB realiza muito mais. Vejamos.

Escolas

Uma delas chama-se "Escola da Criança" e tem Marília Gonçalves à frente, assistido pelo pintor Sante Scaldaferrri. O que é a "Escola da Criança"? Em primeiro lugar, não é uma "escolinha de arte" que planeja criar meninos prodígios. D. Lina não acredita em arte infantil. Acredita, ao sim, nas possibilidades de desenvolvimento da personalidade de infantil. Marília Gonçalves, que é psiquiatra além de diretor teatral, orienta o curso para criança e para professor. A Escola desenvolve os sentidos e as possibilidades de ação, de auto-conhecimento da criança. E uma escola nova, sem esquemas dirigidos, onde a liberdade total da infância (para uma realização consciente de seus atos) é o motivo fundamental.

Criança do povo, criança da classe média e criança da burguesia estudam nesta Escola. A ausência de preconceitos estabelece nesta Escola um curso de igualdade social. E parte da infância bahiana encontra um sentido de vida educada. Ao lado da "Escola da Criança" existe a "Escola de Música Infantil/Juvenil", que desenvolve as aptidões musicais das crianças e dos jovens, sob a direção do professor Konrad Reuter.

Planos
Os planos da sra. Lina Bardi:
a) — Uma Escola de Arte, sãta, de Desenho Industrial, de Artes Industriais. Em suma

uma Universidade Popular. D. Lina acredita que o Brasil possui um vasto e inédito material para uma cultura nova. Estranhamente esta sua atitude irrita a outras mentalidades retrogradadas que sonham com a decadência europeia, quando vivem no centro de uma arte e de uma vida latentes. D. Lina acredita na arte popular e não acredita que arte possa viver desassociada do homem. A Universidade popular seria a valorização dos nossos costumes objetivos (das nossas práticas, como a cerâmica, artefatos, escultura e pintura primitiva) elevados a condição de elementos úteis a uma sociedade em desenvolvimento. Sem dúvida, temos uma pretensão tremendamente de vanguarda dentro de um Estado onde os valores intelectuais estão, em sua maioria, presos a um narcisismo verborrágico e decadente.

Por estas idéias, o MAMB tem sido uma fonte de polémica. D. Lina, contudo, continua a "chocar" pela eficiência. Um destes "choques" é a presente exposição "Jardim de Roberto Burle Marx".

Compreende a existência de uma Natureza fantástica em torno de nós e compreender que utilizar este mundo em de lido numa ordem estética e social é, sem dúvida, ainda muito difícil para a Bahia. Todavia, D. Lina tem planos para levar adiante este trabalho.

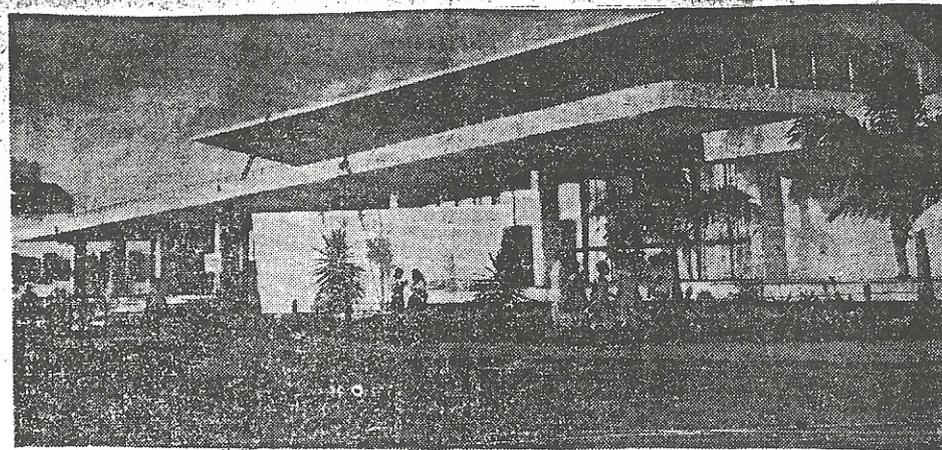
b) — Uma revista popular. Popular desde o papel, desde a capa, desde a linguagem.

Uma revista não de estéticas interiores, mas uma revista de crítica social. Esta revista será, sem dúvida, o maior abalo sócio-cultural da Bahia. Os costumes do povo, desde as gravatas até o esalio literários, são objetos de estudo. E isto que seria um verdadeiro Museu de Arte Moderna. "Arte" aqui é a própria vida moderna e não os borrões nos quadros, os poemas pernosticos, a literatura reacionária.

D. Lina adora a palavra "reacionária". Não a usa vagamente.

O MAMB

O Museu de Arte Moderna foi criado pela lei 1152 de 23 de Julho de 1959, redação de Walter da Silveira, lançada pelo Governador Juracy Magalhães.
Presidente: Lavinia Magalhães.
Diretores: Assis Chateaubriand, Edgar Santos, Clemente Mariani, Gileno Amado, Fernando Corrêa Ribeiro, Miguel Calmon.
Diretor Geral: Lina Bardi.
Tesoureiro: Odorico Tavares.



Exposições Realizadas: Resumo

- 1ª EXPOSIÇÃO — Antonio Bandeira, Pintor brasileiro, natural do Ceará, residindo há dez anos em Paris. Exposição Inaugural do Museu. 21 óleos e 10 gouaches de 1959.
- 2ª EXPOSIÇÃO — Vinte bronzes originais de Edgar Degas. Empréstimo do Museu de Arte de São Paulo.
- 3ª EXPOSIÇÃO — Flávio Shirô Tanaka, Pintor brasileiro de procedência japonesa, residindo no Brasil há 28 anos.
- 4ª EXPOSIÇÃO — Manabu Mabe, Pintor brasileiro de procedência japonesa residindo no Brasil desde 1934 em São Paulo; 10 gouaches. Walchi Tsutaka, Pintor Japonês recentemente chegado ao Brasil. 12 óleos.
- 5ª EXPOSIÇÃO — "Ver a Pintura". Esta exposição de caráter didático teve como principal objetivo a representação da expressão estética válida e não-válida através da apresentação de quadros das diversas tendências até os acadêmicos e "pompiers" bem como exemplos de "naturezas mortas", "reais e fotografias".
- 6ª EXPOSIÇÃO — Mário Cravo em Veneza, Escultor baiano. Exposição das esculturas de madeira e ferro que representaram o Brasil no XXXº Bienal de Veneza. 10 esculturas.
- 7ª EXPOSIÇÃO — Três pintores: Renoir, Cézanne e Van Gogh. Apresentações de quadros cedidos por empréstimo do Museu de Arte de São Paulo e reproduções com textos didáticos.
- 8ª EXPOSIÇÃO — Sete Artistas Baianos: Calozans, Jacyras, José Maria, Juarez, Oswald, Riolan, Sante. Exposição óleos e gravuras.
- 9ª EXPOSIÇÃO — Aldemir Martins. Desenhista Cearense. 25 óleos e 5 desenhos.
- 10ª EXPOSIÇÃO — Acervo. Empréstimo (Didático). Nesta Exposição, com apresentação de quadros de pintores brasileiros e peças de arte popular, procurou-se focalizar os valores mais autênticos da pintura brasileira. Confrontando primitivos com pintores "profissionais", apresentando colchas de retalhos e táboas de tira ao alvo.
- 11ª EXPOSIÇÃO — Georges Mathieu. Pintor francês. 28 óleos, 9 gouaches.
- 12ª EXPOSIÇÃO — Stanley William Hyter. Gravador inglês. 17 gravuras e três óleos.
- 13ª EXPOSIÇÃO — Genaro de Carvalho. Pintor baiano. Tapeçarias.
- 14ª EXPOSIÇÃO — Paolo Rissone. Pintor brasileiro de procedência italiana. 27 obras entre óleos e gouaches.

OUTRAS EXPOSIÇÕES:

- Nós e o Passado — Esta exposição vem sendo apresentada ao público desde a fundação do seu havendo apenas a mudança de quadros exposto e a cortina musical. Foram expostos 3 quadros: Último Momento do Banquete de Herodes, do círculo Bonaventura Berlinghieri. Quadro do século XIII, da coleção P. M. Bardi. Visita da Câmara à Igreja da Graça. Fantasia Arqueológica com Fiqures. Quadro do século XVII de Jean Paolo Paninne. Da coleção P. M. Bardi.
- FORMAS NATURAIS — Exposição de caráter permanente. Mostra de pedras recolhidas nos praias, formas minerais e vegetais. Com colaboração da Bolsa de Mercadorias da Bahia, Instituto de Tecnologia e do Escultor Mário Cravo.
- 15ª EXPOSIÇÃO — Teatro Inalés. Exposição de fotografias de Teatro.
- 16ª EXPOSIÇÃO — Acervo.
- 17ª EXPOSIÇÃO — Montez Magno. 15 óleos: natureza morta.
- 18ª EXPOSIÇÃO — Roberto Burle Marx. Arquitetura — jardim.

Jornal da Bahia

Quarta-feira, 21 de Setembro de 1960

Título

Reportagem escrita por Glauber Rocha para o Jornal da Bahia, com o título "MAMB não é museu: é escola e "movimento" por uma arte que não seja desligada do homem."- MAMB não é museu: é escola e "movimento" por uma arte que não seja desligada do homem.

Fonte

Docomomo Bahia

ID

42001

